

VIDA EM PRIMEIRO LUGAR!

GRITO

DOS EXCLUÍDOS, EXCLUÍDAS E EXCLUÍDES

**Cuidar da Casa
Comum e da
Democracia é
luta de todo dia**

COLETIVO DO DF E ENTORNO - SETEMBRO - 2025

UM GRITO DOS OPRIMIDOS QUE SAI DO CHÃO

O planeta Terra – “nossa casa comum”, diz o Papa Francisco na Carta Encíclica Laudato Si’ (2015) – está ferido de morte. Grita e exhibe chagas profundas por toda a sua superfície, algumas das quais irreversíveis. As pessoas, os animais, as plantas e as coisas experimentam relações sempre mais tensas, conflituosas e turbulentas. Cada espécie de fauna e flora que se extingue diminui a qualidade da vida em todas as suas formas (biodiversidade) na sua rede de conexão harmônica e integral.

O ritmo da natureza não é capaz de reciclar o ar, a água, os oceanos, as florestas, enfim, os ecossistemas em geral, com a mesma velocidade com que são contaminados pela política econômica globalizada. A partir da Revolução Industrial, acelera-se de maneira frenética e vertiginosa um projeto de produção, consumo e descarte que vem causando a ruína da Terra, juntamente com a ruína de uma justa prática política. O sistema capitalista, de filosofia liberal, revela-se selvagem e antropofágico. Ao mercantilizar aquilo que toca, devora-se a si mesmo e devora tudo o que encontra pela frente. Fartura de bens, miséria, fome e desperdício coexistem lado a lado de forma estridente e escandalosa.

Também está enferma a democracia. Em distintos países, como recentemente nos Estados Unidos, por exemplo, poderosos bilionários se apoderam dos instrumentos e mecanismos democráticos para implementar verdadeiras ditaduras. A razão, a ciência e a tecnologia, em suas pretensões absolutas, estão nos conduzindo a um beco sem saída irracional. O mundo contemporâneo se

revela, ao mesmo tempo, social e ecologicamente insustentável, como mostra o autor alemão Ulrich Beck no livro Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade.

Desse cenário pouco animador decorre o tema da 31ª edição do Grito dos Excluídos e Excluídas: “Cuidar da Casa Comum e da Democracia é luta de todo dia”, tendo presente que o tema

permanente segue sendo “A Vida em Primeiro Lugar!”. Nessa economia, movida pelo motor do lucro e da acumulação do capital, áreas como o trabalho e a distribuição de renda, a saúde e a habitação, a comunicação e a educação, a segurança e os transportes terminam em segundo plano, ou se veem pura e simplesmente esquecidas.

Arte: Anderson Augusto





Grito dos Excluídos 2024 – Brasília/DF

Por outro lado, naturaliza-se a violência em suas mais diversas formas e, com ela, o preconceito, o racismo, a discriminação e o machismo. São vítimas desse quadro as crianças, as mulheres, os povos originários e os estratos mais vulneráveis da população. Com as mudanças climáticas e a desigualdade socioeconômica, crescem as migrações forçadas, as deportações e a violação dos direitos humanos. Pressionado pelos representantes das oligarquias históricas, instalados no Congresso Nacional, as políticas públicas são abortadas e engavetadas como letra morta.

Neste ano jubilar, em que somos convidados a ser Peregrinos de Esperança, o Grito será potencializado por uma nova edição do Plebiscito Popular, no qual estarão em pauta o trabalho e a distribuição de renda, economia e as formas de violência estrutural, a pobreza e a dívida pública.

A Coordenação Nacional

GRITOS DE LUTA!

DF e Entorno

Reforma Agrária Popular já!

Nosso Grito denuncia as contradições da questão agrária no DF e Entorno, onde milhares de trabalhador@s seguem sem terra, enquanto uma minoria da burguesia agrária concentra imensas propriedades. Esse modelo, dominado por latifúndios e transnacionais do agronegócio, é insustentável, violento e aprofunda a insegurança alimentar. A Reforma

Agrária Popular aponta saídas: democratizar a terra, fortalecer a agroecologia, produzir alimentos saudáveis, garantir educação, saúde, cultura e arte no campo. Os assentamentos são territórios de resistência, preservam a natureza, combatem o capital especulativo e asseguram soberania alimentar e vida digna para todo o povo.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra / MATR – Movimento de Apoio ao Trabalhador Rural

Pelo direito à saúde e em defesa do SUS

O olhar para o SUS-DF, faz observar que saúde não é a mesma coisa para todos. O local de moradia, o trabalho desenvolvido, a forma de locomoção impacta muito no que se entende por saúde. Para promovê-la, além de equipamentos e profissionais, dar qualidade e cuidado com os espaços onde moram as pessoas geram conforto e bem-estar, propiciando um impacto diferente sobre o SUS. Na maioria das RA's do DF o meio ambiente urbano gera inúmeros desgastes físicos e mentais. É adoecedor.

Pedro Bezerra - Membro do CEBI, Sanitarista e Conselheiro de Saúde

Cuidar da Casa Comum é transformar a economia

Denunciamos todos os projetos feitos para precarizar ainda mais a vida do povo, como a PEC do Teto de Gastos, a Reforma Trabalhista, a Reforma da

Previdência, a Autonomia do Banco Central, a PEC dos Precatórios e a tentativa de implementar a Reforma Administrativa, instrumentos que concentram poder e aumentam a desigualdade e a pobreza multidimensional. Denunciamos a ganância, a intimidação, o autoritarismo e o fundamentalismo religioso. Por uma nova economia que coloque a vida na centralidade e não o lucro, que cuide da criação e da Casa Comum e não a destrua. Que humanize e não desumanize. Que inclua e não exclua. A economia pode ser justa para todas as vidas JÁ!

Núcleo de Ecologia Integral do CCB/Jesuítas / Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara/Núcleo DF

Nosso grito é por uma educação pública de qualidade

Enquanto a direita e a extrema-direita fortalecem o grande capital, a população oprimida enfrenta novos ataques às políticas educacionais que desmontam e precarizam a já sucateada educação pública. Salas superlotadas sem climatização, modelo de escolas militarizadas que oprime e limita a diversidade da juventude periférica, ausência de apoio psicológico e psicopedagógico. Nosso grito é por uma educação pública de qualidade, com valorização de estudantes e profissionais da educação.

Hugo Leopoldo Berrondo – Diretor de Políticas Educacionais da UBES pelo coletivo Kizomba/DF



Grito dos Excluídos 2024 – Brasília/DF

Democracia se faz com participação popular

Cuidar da Casa Comum é cuidar da coletividade e da Democracia, direito que só floresce em ambiente participativo. Precisamos estar atentos aos ataques à Democracia e lutar por maior participação popular nas decisões. É urgente a união dos Movimentos Populares em defesa de plebiscitos e consultas. Realizá-los junto às eleições representa um avanço para a educação política e uma ferramenta de participação direta.

Raimundo Feitosa – Movimento Democracia Participativa

Nosso grito é por respeito ao direito à moradia e contra a violência do Estado na periferia

A ausência de uma política habitacional no Distrito Federal resulta em derrubadas violentas de casas em comunidades periféricas, violando direitos humanos fundamentais. Famílias são removidas sem diálogo e sem qualquer forma de apoio, vítimas de um Estado que despreza o princípio da moradia digna. Em vez de soluções justas e alternativas concretas, prevalecem a repressão e a exclusão. Em ações truculentas, com bombas e balas de borracha, lares são destruídos em minutos, sonhos interrompidos e a dignidade de dezenas de famílias brutalmente violada. São territórios em

disputa que deveriam ser objeto de estudos e de escuta qualificada, não de remoções violentas. A água e a luz chegam às casas, mas o governo insiste em tratá-las como invasões ilegais.

Coletivo Mulheres do Sol

Defender a educação é defender a democracia

A educação é palco da disputa entre neoliberalismo e democracia no DF. Enquanto o governo ataca o magistério e precariza a rede, a categoria resiste em defesa de melhores condições. Defender a democracia é defender os serviços públicos, os direitos e a soberania. Brasília precisa voltar a ser a capital da cidadania, com uma classe trabalhadora mobilizada e um governo que valorize educação, saúde, meio ambiente e os historicamente marginalizados e excluídos.

Fernando Augusto - Sinpro-DF

Grito pelas pessoas migrantes, refugiadas e deslocadas por razões ambientais

Nenhum ser humano deve ser discriminado, explorado ou criminalizado pelo tipo de passaporte que possui ou pelo lugar de nascimento. A consolidação da Democracia exige o respeito aos direitos de todas as pessoas residentes no país, independentemente

de sua nacionalidade, garantindo a igualdade de acesso aos serviços públicos e a participação cidadã.

Roberto Marinucci - Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

O grito da população em situação de rua

A vida nas ruas é um ambiente onde tudo pode ser retirado: segurança, saúde, direitos básicos e humanidade. O Estado, mesmo com normas como a Política Nacional e Distrital para a População em Situação de Rua, segue negligente. A falta de políticas efetivas mata dia após dia, e essa realidade não pode ser naturalizada. Até quando o cuidado às pessoas em situação de vulnerabilidade será negligenciado?!

Márcia Maria Caldas – Psicóloga clínica e idealizadora do coletivo Café com Escuta

Por uma sociedade sem capacitismo

Nenhuma pessoa deve ser discriminada e impedida de ter acesso a seus direitos básicos em decorrência de algum tipo de deficiência. Rechaçamos, portanto, todo tipo de capacitismo estrutural, institucional, interpessoal e velado. Defendemos e lutamos pela plena inclusão na sociedade de todas as pessoas com deficiência, garantido o direito à saúde, à acessibilidade e à igualdade de oportunidade.

Francisco e Raquel Boing



Grito dos Excluídos 2024 – Brasília/DF

O grito das crianças e adolescentes ecoa contra a violência

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completou 35 anos em julho, e o Distrito Federal segue na contramão da proteção de crianças e adolescentes. É preciso ouvir o grito de meninas e meninos, combater desigualdades, enfrentar as violências, desenhar políticas públicas com recorte racial que reconheçam as especificidades da violência contra crianças negras e incluir jovens nas decisões que afetam suas vidas.

Vida e Juventude

Mudar a sociedade para mudar a vida das mulheres

Entra ano, sai ano e o Distrito Federal se mantém no mapa alarmante dos feminicídios. Apesar de ter o maior coeficiente de segurança pública por população no Brasil, a violência contra as mulheres continua crescendo. Quando o Estado vai entender que não é de mais cadeias e policiais que precisamos? A prioridade deve ser desconstruir a cultura machista de posse e exploração das mulheres. O que a sociedade precisa é de educação para a igualdade de gênero, campanhas por respeito às mulheres, divulgação da rede e dos equipamentos de proteção e cumprimento da Lei Maria da Penha. Precisamos mudar a sociedade para mudar a vida das mulheres.

Marcha Mundial das Mulheres DF

A juventude negra frente às crises do capital

A juventude negra atravessa o período histórico de crises cíclicas do capital de forma violenta, marcada pela precarização no trabalho e cerceamento educacional. A violência policial e os ataques às expressões culturais são mecanismos de silenciamento e exclusão da juventude. Diante das contradições apresentadas pela conjuntura, se faz necessária a organização popular de luta, classista e antirracista, defendendo pautas como o fim da PM, da escala 6x1, dos vestibulares e a defesa da Democracia.

Arthur Soares - Partido Comunista Brasileiro/ União da Juventude Comunista

Acolher a diversidade é fortalecer a Casa Comum

O grupo Diversidade Cristã Brasília, filiado à Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+, ecoa o tema do Grito deste ano: “Cuidar da Casa Comum e da Democracia é luta de todo dia”. Para nós, essa luta inclui a dignidade das pessoas LGBTQ+ na fé católica e na sociedade. Inspirados pelas palavras do Papa Francisco — “esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos” — reafirmamos que somos filhos e filhas de Deus. Acolher-nos é cuidar da Casa Comum e fortalecer a democracia dentro e fora da Igreja. Nossa voz no Grito reafirma que fé e dignidade caminham juntas, e que nossa existência na Igreja e na sociedade é questão de justiça e amor.

Bruno Feitosa - Grupo Diversidade Cristã Brasília

Palestina Livre!

Nosso Grito é pela Palestina, pelo genocídio de um povo que está sendo dizimado na frente das câmeras, sem reação efetiva de Chefes de Estado, organismos internacionais, ou da imprensa mundial. Nosso Grito precisa ecoar, denunciar o que está acontecendo em Gaza. Nesse momento, bebês, crianças, jovens, mulheres e homens de todas as idades estão sendo assassinados, com requintes de crueldade, pelo Hitler do século XXI, Benjamim Netanyahu. Enquanto na Casa Comum, a crueldade e o imperialismo bélico prosseguirem, continuaremos gritando: Palestina Livre, do Rio ao Mar!

Cláudia Regina - Centro de Formação e Cultura Nação Zumbi

Contra a intolerância religiosa e todas as violências

Intolerância religiosa? A intransigência insiste em impor um único jeito de viver e crer. Se a religião não eleva, mas divide e oprime, que sentido cumpre? A intolerância, marca do atraso, fez-se sentir da pior forma na Alemanha hitlerista e hoje ecoa na Palestina, no genocídio dos povos originários e no extermínio da juventude negra. A paz, tão desejada, segue distante, batendo em nossos corações. Até quando? Até quando? Até quando?

Jô Abreu - Movimento Imoye

Coletivo do Grito dos Excluídos, Excluídas e Excluídes do DF e Entorno

O Grito dos Excluídos/as/es do Distrito Federal e Entorno é uma construção conjunta de movimentos sociais, sindicatos, entidades, coletivos, instituições religiosas e grupos que lutam pelas causas dos segmentos mais vulneráveis e oprimidos da sociedade.

Redes sociais:

Instagram: @gritodosexcluidos.df

Facebook: Grito dos/as Excluídos/as - DF

Vida em primeiro lugar!